



EDUCAÇÃO E ESCOLA DO CAMPO: uma análise sobre a Escola Municipal São Marcos, no município de Araçuaí (MG)

Hérica da Silva de Oliveira¹
Fabiano Rosa de Magalhães²

Recebido em: 10/2020
Aprovado em: 11/2020

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar os dados de uma pesquisa realizada em 2019 junto à comunidade rural de São Marcos, no município de Araçuaí, Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais, apresentando a importância da Escola Municipal de São Marcos como um dos elementos-chave para a compreensão da comunidade. Trata-se de uma escola rural que permaneceu ativa durante aproximadamente cinquenta anos, desde a década de 1960, e cuja nucleação, para outra comunidade, se deu em 2005. A Escola foi de suma importância para a constituição sociocultural da comunidade. A pesquisa contou com três fases, sendo a primeira uma pesquisa bibliográfica e documental, a segunda, levantamentos em campo e entrevistas com moradores/as, e a terceira, a realização de conversas com ex-alunos/as. A construção da Escola, sobre um terreno doado, foi um marco para a comunidade. Era a única opção de acesso à educação para os/as alunos/as, representando tanto um elemento material como simbólico. Após o seu fechamento pôde-se perceber os diversos impactos sobre os/as moradores/as. Desse modo, aborda-se as especificidades desta escola, desde a sua construção até os dias atuais, assim como é relatada a sua importância para a comunidade.

Palavras-chave: Educação do campo. Escola rural. Campo. Memória. Comunidade São Marcos.

EDUCATION AND SCHOOL OF THE FIELD: an analysis of the São Marcos Municipal School, in the municipality of Araçuaí (MG)

ABSTRACT

This article aims to present the data of a survey carried out with the rural community of São Marcos, presenting the importance of the Municipal School of São Marcos as one of the key elements for the understanding of the community. It is a rural school that remained active for approximately fifty years, its nucleation, in another community, having taken place in 2005. The School was of paramount importance for the socio-cultural constitution of the community. The research involved three phases, the first phase being a bibliographic and documentary research, the second phase, surveys in the field and interviews with residents,

¹ Graduanda em Engenharia Agrícola - IFNMG/Araçuaí.

² Mestrado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG). Docente no IFNMG/Araçuaí.



EDUCAÇÃO E ESCOLA DO CAMPO: uma análise sobre a Escola Municipal São Marcos, no município de Araçuaí (MG)

and the third phase, conversations with former students. The construction of the School, on donated land, was a landmark for the community. It was the only option of access to education for students, and it represents both a material and a symbolic element. After the school's closure, it is possible to perceive different impacts on the residents. In this way, the specificities of this school will be addressed, from its construction to the present day, as well its importance to the community.

Keywords: Rural education. Rural school. Countryside. Memory. São Marcos Community.



1. INTRODUÇÃO

Neste artigo, pretendemos relatar uma análise feita sobre a Escola Municipal São Marcos, localizada na Comunidade São Marcos no Município de Araçuaí, região do Médio Vale do Jequitinhonha. Visamos compreender a importância da escola e, mais propriamente, da educação do campo, para a construção da dimensão coletiva da comunidade tradicional.

Decerto não poderíamos deixar de situar o espaço sócio-cultural em que essa escola está inserida. Estamos falando do Médio Jequitinhonha. Assim, uma das primeiras tarefas é demarcar algumas particularidades do Médio Jequitinhonha. Tal região é marcada pela forte presença de comunidades rurais. Destoando do perfil demográfico do estado de Minas Gerais, e mais ainda da região Sudeste, o Médio Jequitinhonha apresenta uma população rural ainda significativa, o que, por sua vez, revela:

[...] que os fundamentos de uma agricultura camponesa muito peculiar, com características que marcam culturalmente, politicamente e ideologicamente a vida dos homens e mulheres rurais do Vale. Certamente é um traço que vem mudando com o tempo, não obstante ainda com a persistência da vida camponesa ou na perspectiva da agricultura familiar, em que pese as distintas definições que os dois conceitos comportam (MAGALHÃES, 2020, p. 43)..

Outro aspecto que é importante destacar é outra peculiaridade da região: a forte presença de povos e comunidades tradicionais. Tal categoria é discutida por Little (2004), numa perspectiva do direito territorial dos povos originários, sejam eles indígenas, quilombolas e outros povos que foram se organizando em busca da garantia de seus territórios. O Médio Jequitinhonha conta com diversas comunidades quilombolas reconhecidas e outras que estão lutando pelo reconhecimento dos direitos culturais/territoriais. Também conta com povos indígenas com territórios reconhecidos ou na luta pelo reconhecimento. Destarte, não se pode contar a história do Jequitinhonha, sobretudo o Médio Jequitinhonha, sem passar pela memória dos povos e comunidades tradicionais que ali se fizeram presentes, desde tempos mais remotos da colonização brasileira.

Essas considerações constituem a apresentação do contexto sociocultural em que se evidencia a organização das comunidades rurais do Médio Jequitinhonha. Com efeito, a própria comunidade rural que foi objeto de análise da pesquisa, situa-se neste contexto mencionado. Passemos à apresentação sobre a proposta da pesquisa.

Durante o ano de 2019, nos meses de julho e agosto realizamos uma pesquisa junto à comunidade rural de São Marcos, através de entrevistas com 14 moradores/as. A pesquisa qualitativa se desenvolveu por meio de entrevistas com moradores/as escolhidos/as em função



da sua inserção junto à comunidade. Optamos por ocultar alguns nomes, de forma a resguardar as suas identidades.

Para o referido estudo, em um primeiro momento, foram feitas uma pesquisa bibliográfica e um levantamento documental através de atas da associação comunitária, registros fotográficos, documentos de posse de terra e boletins escolares. No segundo momento realizou-se, em julho e agosto de 2019, uma entrevista do tipo semiestruturada com alguns/as moradores/as da comunidade, selecionados/as pelo tempo de estadia, sendo caracterizados como guardiões da memória. Ainda, foram realizados alguns levantamentos prévios com três ex-alunos/as da Escola Municipal São Marcos a fim de compreender algumas especificidades a respeito da escola como elemento simbólico para a comunidade.

A Comunidade São Marcos possui aproximadamente sessenta anos, e antes de se constituir efetivamente enquanto comunidade, existia a Escola Municipal São Marcos, que por quase cinquenta anos funcionou, oferecendo ensino para os/as estudantes filhos/as de camponeses/as daquela comunidade. Atualmente seu espaço é destinado para reuniões, e pelo grupo de saúde para atendimento médico mensal.

Construída por meio de mutirões, a igreja é um dos principais elementos simbólicos da comunidade. Foi a partir da sua construção que aquele espaço começou a ser entendido como uma Comunidade tradicional, sendo a religião o centro de organização dos/as moradores/as. Em seus estudos Brandenburg (2010) diz que a vida social no meio rural, como atividades de ensino, festividades e manifestações culturais, se organizam em torno da Igreja, formando as sedes dos núcleos ou povoados. A comunidade São Marcos serve como exemplo para tal afirmação.

Atualmente a comunidade possui cerca de setenta e uma famílias, aproximadamente cento e oitenta e seis moradores/as, com uma média de 3 pessoas por família. Desde o início tínhamos como preocupação apontar os elementos que permitissem a consolidação de uma comunidade. Uma questão que propúnhamos para a investigação era a seguinte: é possível construir uma sociologia sobre as comunidades rurais? Em caso positivo, que elementos podem ser destacados para, efetivamente, tal construção teórica se materialize?

Não poderíamos prosseguir nossa análise sem apresentar, de partida, uma definição sobre comunidade rural. Valemo-nos da definição de Lefebvre (1981), que considera a importância dos estudos sobre comunidades rurais. De fato, Lefebvre aponta o caminho para a reflexão sobre a comunidade rural, buscando ver propriamente a organização social no sentido sociológico. Partindo de uma orientação marxista, o autor não propõe simplesmente elaborar



um estudo descritivo (monográfico) sobre as comunidades rurais, mas compreender os conflitos relacionados à própria inserção do capitalismo no campo. Desde então, diversos estudos surgiram dentro desta perspectiva. Assim, o autor considera a possibilidade de se falar de três tipos de comunidades. A primeira seria a comunidade mais ampla, associação ou federação de aldeias. A segunda seria a comunidade de aldeias, ou simplesmente comunidade rural, à qual o autor deposita um interesse maior. E a terceira seria a comunidade familiar. No que se refere à comunidade rural o autor apresenta a seguinte constatação:

A comunidade rural ou comunidade de aldeia não é uma força produtiva, nem um modo de produção. Não é uma força produtiva, ainda que, evidentemente, esteja relacionada com o desenvolvimento das forças produtivas: com a organização do trabalho da terra nas condições técnicas (conjunto de instrumentos de trabalho) e sociais (divisão do trabalho e modalidades de cooperação) determinadas. (LEFEBVRE, 1981, p. 151).

Prosseguindo a análise, o autor considera que a comunidade “reúne, organicamente, não indivíduos, mas comunidades parciais e subordinadas, famílias” (idem, p. 152). Assim, a economia de trocas de mercado pode alterar essa forma de solidariedade que mantém unida a comunidade:

Ali, onde predomina a troca de mercadorias, o dinheiro, a economia monetária, o individualismo, a comunidade se dissolve, sendo substituída pela exterioridade recíproca dos indivíduos e pelo “livre” contrato de trabalho. (idem, p.152)

E adiante, discute que a comunidade tende a promover uma noção de propriedade distinta da simples propriedade privada.

Onde predomina a propriedade no sentido do direito romano (propriedade quirítária) a comunidade tende a desaparecer ou desaparecer completamente. Esse domínio da propriedade privada, do *jus utendi et abutendi*, aliás, representa apenas um caso limite abstrato; em toda parte onde a propriedade privada (individual) foi proclamada, os direitos da família, da nação ou do Estado, de fato, a limitaram. (Idem, p. 152)

Feitas essas definições quanto a alguns elementos do conceito sociológico de comunidade rural, consideramos que os fundamentos sociais para a prevalência de uma comunidade estão sustentados na consubstanciação de elementos simbólicos e materiais que constituem uma cultura. Os elementos simbólicos são caracterizados pelo conjunto de atributos de instituições, valores, crenças e hábitos que marcam a maneira de ser de uma comunidade. Quanto aos aspectos materiais, estes se caracterizam pelos artefatos produzidos e postos em circulação por determinado grupo social. Em termos de sobrevivência temporal, os aspectos materiais podem persistir, mesmo quando aquele grupo social não existe mais. São os vestígios. Quanto aos aspectos simbólicos, estes carecem de, digamos, uma ossatura social



para a sua evidência, ou seja, quando o grupo social enfraquece ou deixa de existir, também os aspectos simbólicos de uma cultura sofrem abalos.

Tais considerações nos serviram de apoio para a investigação conduzida em nossa pesquisa. Com efeito, um dos aspectos que se evidenciou como essencial para a constituição da Comunidade Rural de São Marcos é a existência de uma escola rural: a Escola Municipal de São Marcos. O propósito deste artigo é promover uma discussão quanto ao espaço sociocultural da referida escola, como uma escola rural, e sua importância material e simbólica na constituição da comunidade rural.

2. TRABALHO E SUSTENTO NA COMUNIDADE E ESVAZIAMENTO PELA MIGRAÇÃO

Antigamente os moradores viviam principalmente da agricultura e extrativismo e da criação de animais, utilizavam-se de suas terras para dar subsídio a sua família. E mantêm este hábito até os dias atuais. A partir dos relatos pudemos constituir uma espécie de paisagem mental que nos possibilitou perceber os aspectos constitutivos da comunidade, levando-nos a elementos que necessariamente não estão dispostos no espaço físico. Aqui temos o espaço da memória. Assim, um dos relatos significativos é o do/a morador/a A. Conforme seu relato:

O trabalho aqui é só na roça e dentro de casa e cuidando de menino. Naquela época eles viviam fazendo roça. É roça que ficava fazendo e não tinha emprego. Plantava é mandioca, milho, fazendo tudo. Era na enxada pra poder alimentar. (Relato oral)

E além do mais, o trabalho braçal a dia de serviço era uma das únicas alternativas para sustentar a casa, conforme relata o/a morador/a B.

Quando eu trabalhava, eu trabalhava a dia de serviço, em tudo que eu achava eu ia, e quando era o tempo de mexer com a rocinha eu mexia pra mim. A gente sabe que a gente é pobre e não pode crescer muito, aí a gente ajudava os outros. (Relato oral)

Os relatos orais e os documentos analisados revelam que a comunidade foi constituída por camponeses/as, com ocupações que mesclavam o trabalho por conta própria nas suas próprias lavouras com trabalhos assalariados para outras propriedades. Destaca-se também nos relatos a presença de engenhos de cana, onde produziam cachaça e rapadura, utilizadas para comércio local e para outras comunidades vizinhas, sendo esta uma outra forma de sustento da casa.

Conforme os relatos de alguns/as moradores/as, a população vem diminuindo com o passar dos anos. Os principais pontos apontados para a diminuição das pessoas é a migração para fins de trabalho ou de estudos. Todos os/as moradores/as entrevistados/as tinham em média cinco filhos/as ou mais, nenhum dos quais residia na comunidade, pois haviam saído



em busca de trabalho. Geralmente vão para cidades grandes como São Paulo e Belo Horizonte, para colheitas de café no sul do estado, para corte de cana e até mesmo para vendas ambulantes nas praias espalhadas pelo Sul e Sudeste. A este respeito o morador/a C nos fornece o seguinte relato:

Antigamente tinha bastante gente neh? As pessoas vão saindo vai mudando até por causa de trabalho. Meus filhos mesmo não tá aqui por causa de trabalho.(...) e vão pra todo lado, neh?, Mais é pra São Paulo afora, Belo Horizonte, aqui pra Araçuaí, Teófilo Otoni, ... não tem carreira certa não, tudo pingado qualquer lugar que caçar um acha. (Relato oral)

E acrescenta o/a morador/a F:

Aqui antes tinha mais gente. O povo frequentava mais e agora uns já mudou. Os outros já mudou pra eternidade, outros foi pra outro lugar agora; tem pouquinha gente na comunidade.(Relato Oral)

A nova geração que vem surgindo na comunidade migra para a cidade em busca de complementarem seus estudos. Outros ainda vão em busca de trabalho para garantirem o seu sustento e até mesmo da família. Tal constatação nos remete àquelas definições que apresentamos inicialmente sobre a comunidade, a partir das formulações de Lefebvre (1981). Retomando o seu argumento, onde predominam o individualismo, as relações monetárias e trocas de mercadorias, a comunidade tende a se dissolver.

Além da Igreja, a escola é outro elemento simbólico e coletivo da Comunidade, com um papel fundamental na manutenção dos saberes daqueles moradores. Percebe-se pelas suas falas que esta escola representou e ainda representa muito mais que um lugar de ensino, já que foi base para muitos alunos na construção de suas identidades e seus projetos de vida. Essa dimensão encontra-se no relato do/a morador/a G:

O surgimento de uma escola naquela época era tudo o que os moradores almejavam, para que seus filhos tivessem acesso à alfabetização. A escola Municipal São Marcos representava a realização dos sonhos de pais, moradores e comunidade. (Relato oral)

Pelos relatos entende-se que a escola teve uma participação fundamental na vida daquelas pessoas e que era além de tudo um sonho dos pais para seus filhos, um sonho que eles não puderam viver.

Tomada como um espaço coletivo e simbolicamente pertencente a todos, a escola tornou-se o espaço da fala e da preparação dos novos membros da comunidade. Espaço da representação da própria vida da comunidade, e, sendo assim, ela não pode ser só a escola. É o espaço do encontro da comunidade numa espécie de Ágora. Espaço de aprender e de viver a comunidade.



3. CONDIÇÕES EXISTENCIAIS DA ESCOLA

Antes mesmo da construção da igreja já existia um salão na comunidade onde funcionava a escola. Ainda se realizam missas semestrais e reuniões neste salão. Quando a escola passou a funcionar, na década de 60, ela contava com poucos recursos. Havia apenas um quadro de madeira, bancos (doados pelos pais dos alunos) e uma pequena mesa para a professora. Por volta de 1982, passou a ter um quadro de cimento (verde), carteiras individuais, alguns livros didáticos, um mimeógrafo (equipamento utilizado para produzir cópias a partir de uma matriz perfurada, estêncil), além de um banheiro e uma pequena cantina.

Eram oferecidas apenas a 1ª, 2ª e 3ª séries pela manhã e pela tarde, no sistema de classes multisseriadas, em que cada turma ficava em um canto da única sala. Em 1982, a nova Professora e também moradora da comunidade, Gilza Maria Vieira Nepomuceno, passou a trabalhar com uma turma da 4ª série. Alguns anos mais tarde uma das paredes da escola caiu, dificultando a realização de aulas. Logo, os alunos passaram a estudar de improviso, em casas próximas, até mesmo nas casas das professoras ou em terreiros das casas próximas à escola.

Depois de aproximadamente um ano nestas condições a escola foi reconstruída, e nesta nova sede havia duas salas, com um ensino alternado, pela manhã a 1ª e 2ª séries, e pela tarde a 3ª e 4ª séries. Este sistema de ensino foi analisado por alguns estudiosos, como Hage (2011), Molina e Freitas (2011), e denominado como multisseriado, encaminhando a escola para o conceito de escola multisseriada, cuja definição é apresentada por Salomão Hage:

As escolas multisseriadas estão localizadas nas pequenas comunidades rurais, muito afastadas das sedes dos municípios, nas quais a população a ser atendida não atinge o contingente definido pelas secretarias de educação para formar uma turma por série. São escolas que apresentam infraestrutura precária: em muitas situações não possuem prédio próprio e funcionam na casa de um morador local ou em salões de festas, barracões, igrejas, etc. (HAGE, 2011).

Nas salas havia cadeiras e bancos, porém não eram suficientes para todos os/as alunos/as, havia quadro a giz e os livros didáticos eram os mesmos, utilizados por muitos anos. As salas eram pequenas, sem iluminação e ventilação adequadas e com improvisações de toda ordem, sem conforto para os/as professores/as e estudantes. Poucas vezes ao ano havia verba para merenda. Na maioria das vezes os/as alunos/as e professores/as levavam mantimentos, eles/as mesmos/as preparando e distribuindo entre si.

A escola esteve em funcionamento até o ano de 2004, e no ano seguinte foi inaugurada a Escola Nucleada Municipal José Gonçalves Soares, na Comunidade do Piauí, município de Araçuaí MG.



3.1. RELAÇÃO ALUNO, ESCOLA E CAMPO

De acordo com o/a morador/a H, ex-aluno/a da escola, a maioria dos/as alunos/as que por lá passaram, estudam por obrigação e não por vontade. Ele/ela alega que a preocupação dos meninos era trabalhar, e as meninas pensavam em ajudar nas tarefas de casa. Naquela época as coisas eram muito difíceis, mas hoje percebe-se a real importância de estudar.

Complementa o Informante P:

Eu não tinha muita vocação, estudava que os pais mandavam. Eu tinha vontade de ir trabalhar em lavra e trecho, a maioria dos meninos pensava em trabalhar. Só estudou por influência dos pais. Os pais falava que tinha que estudar pra não ficar analfabeto, porque eles não sabia ler. Pra não ficar igual eles. (Relato oral)

As dificuldades encontradas no campo, as formas de convivência com o semiárido, o modo de vida que os/as moradores/as levavam tirou de muitos alunos/as o interesse pela escola. Além disso, muitos fatores internos e externos contextualizam o cenário rural no que diz respeito ao acesso à educação. Dentre estes fatores destacaram-se: condições financeiras precárias, difícil acesso à cidade, falta de meios de transportes, falta de auxílio dos governantes, e a sobrevivência no campo se deu por meio do trabalho braçal.

Tais apontamentos nos conduzem a uma necessária distinção entre escola rural e educação do campo. As escolas rurais são escolas que funcionam no espaço físico da zona rural, com professores/as vindos/as, muitas vezes, das cidades próximas para a regência de turmas. Em tais escolas é comum o sistema de classes multisseriadas e com uma proposta pedagógica projetada verticalmente, a partir das iniciativas governamentais. Com a política de nucleação das escolas rurais, a partir dos anos de 1980, muitas escolas rurais foram fechadas e os/as estudantes passaram a frequentar escolas localizadas na área urbana. (CAMPOS, 2017). De acordo com Rodrigues et.al 2017 a prática, esse processo de nucleação corresponde à desativação da escola, por um período de 5 anos, e ao posterior fechamento.

Por outro lado, a educação do campo remete a uma proposta de educação contextualizada, com projetos pedagógicos construídos com e pelos/as autores/as envolvidos, ou seja, os sujeitos do campo. A educação do campo tem relação estreita com os movimentos sociais organizados. Por ser contextualizada, a educação do campo busca romper os paradigmas da escola rural, conforme sugere Rodrigues (2012, 43):

A mudança de nomenclatura educação do campo e não mais educação rural, mesmo que esta última esteja presente na legislação, se dá, portanto, como uma ruptura com a oferta de educação pensada para meios urbanos, sem a preocupação com a luta camponesa como sujeitos de direitos.



Apesar de tantos desafios impostos e encarados, a escola representa para muitos o início da realização de sonhos, sendo vista como uma ponte para um futuro. Nos depoimentos, o/a morador/a G relata que:

Significava uma oportunidade de me socializar e ampliar a educação obtida pelos meus pais, via na simplicidade daquela escola a chance de crescer, progredir, mesmo que aos poucos, era o primeiro passo para a realização de um sonho, ser professora.
(Relato oral)

Nota-se pelos relatos que a socialização entre a escola e seus agentes com a comunidade era muito significativa. Era muito forte a interação entre alunos e professores, tornando as aulas mais produtivas e alegres. Uma das principais formas de interação eram as brincadeiras, divertidas e saudáveis, que faziam com que os/as alunos/as participassem ativamente. E uma outra forma de socialização eram as festas nas datas comemorativas, que envolvia toda a comunidade.

4. CONCLUSÃO

Feito a apresentação das análises da pesquisa, consideramos importante o desenvolvimento de novas pesquisas acerca das comunidades rurais. Esperamos que nossa discussão possa fomentar novos debates sobre as escolas rurais, a fim de dar visibilidades a elas, sobretudo porque sofreram e vem sofrendo ataques, desde a nucleação escolar, que deu ênfase muitas vezes às escolas urbanas, esquecendo-se de um dos aspectos mais relevantes para o funcionamento das escolas do campo, uma vez que elas também constituem importantes fatores de agregação da própria comunidade.

Tendo a nucleação escolar ocorrido em 2005 devido à redução de alunos e à aceitação do/a representante da comissão organizada para esse fim, sabe-se que a socialização com outras comunidades tem suas vantagens, porém muitos são os impactos sentidos pela comunidade envolvida. O maior impacto sentido pelo fechamento da escola foi a transferência dos/as alunos/as para outra escola, sendo que eles teriam que fazer um longo percurso de deslocamento, mesmo que em transporte escolar o percurso fosse desgastante, principalmente para os/as alunos/as da Educação Infantil. Um outro fator muito relevante se deu na preocupação dos pais e mães, principalmente em relação ao convívio de seus/suas filhos/as com um grande número de alunos/as, provindos de cinco comunidades diferentes. Além do mais, em muitas situações, os pais deixavam de trabalhar para acompanhar seus filhos, crianças pequenas, até a escola.



Nesta avaliação da trajetória educacional da comunidade, notou-se um nível de aprendizagem baixo, resultado de uma defasagem nos estudos, que pode ser associada a vários fatores, como por exemplo: a dificuldade de acesso à escola, a ausência de estruturas adequadas como salas e professores, a falta de incentivos por parte dos pais, já que os mesmos não tiveram condições para tal, a falta de interesse pela educação por parte dos/as alunos/as, e como principal fator, trocar o estudo por trabalho para ajudar na renda familiar e nas contas da casa.

Apesar de muitas dificuldades, de uma realidade social muito precária, das condições existenciais, a escola não deixou de carregar sua importância para a comunidade. As boas memórias também ficaram marcadas durante o seu funcionamento e registradas na subjetividade da construção dos saberes daquela população. Assim relata as falas de uma ex professora da escola:

Boas memórias quando se refere aos esforços da professora, tendo que se desdobrar para atender alunos em uma única sala multisseriada. Boas memórias das brincadeiras no recreio, das travessuras no caminho de ida e volta pra escola, das festinhas. E ainda permanecem algumas memórias não muito boas quando me lembro das cenas em que a professora colocava alunos ajoelhados em grãos de milho por não saber a tabuada, do cansaço no fim de semana pelo longo percurso de caminhada até a escola. (Relato oral) ³

Atualmente o espaço é destinado para atendimentos na área da saúde e para reuniões eleitorais. O salão com apenas duas salas que acolheu e preparou tantas crianças hoje é reconhecido como um símbolo da comunidade.

REFERÊNCIAS

BRANDENBURG, A. Do rural tradicional ao rural socioambiental. **Ambiente e sociedade**, Campinas, v. XIII, n. 2, p. 417-428, jul-dez. 2010.

CAMPOS, Alexandra Resende. Os efeitos da política de nucleação das escolas rurais na relação família-escola. São Luis/MG - UFMA. **Anais do 38ª Reunião Nacional da ANPEd** 01 a 05 de outubro de 2017. Disponível em: http://38reuniao.anped.org.br/sites/default/files/resources/programacao/trabalho_38anped_2017_GT14_572.pdf. Acessado em 13 out. 2020

HAGE, M. S.; Por uma escola do campo de qualidade social: transgredindo o paradigma (multi)seriado de ensino. **Em Aberto**, Brasília, v. 24, n. 85, p. 97-113, abr. 2011.

LEFEBVRE, Henri. Problemas de sociologia rural. In: MARTINS, José de Souza. **Introdução crítica à sociologia rural**. São Paulo: Hucitec, 1981.

LITTLE, Paul E. **Territórios Sociais e Povos Tradicionais no Brasil**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.

³ Entrevista oral feita na comunidade São Marcos – Município Araçuaí – no dia 25 de julho de 2020.



MAGALHÃES, Fabiano Rosa de. In: SILVA, Américo Junior Nunes da. **Museu pedagógico e memória educacional**. Ponta Grossa-PR: Atena, 2020. Disponível em: <https://www.finersistemas.com/atenaeditora/index.php/admin/api/ebookPDF/3299>. Acesso em 12 dez. 2020.

MOLINA, M. C.; FREITAS, H. C. A. Avanços e desafios na construção da educação do campo. Em Aberto, Brasília, v. 24, n. 85, p. 17-31, abr. 201.

RODRIGUES, Priscila Andrade M. Por uma educação do campo que contemple as parcerias nos processos formativos e as formas identitárias dos povos do campo. Ponta Grossa. **Olhar de professor**. 15(1): 41-56, 2012. Disponível em: <http://www.uepg.br/olhardeprofessor>. Acessado em 13 out. 2020.

RODRIGUES, A.C.S.; MARQUES, B.C; RODRIGUES, A.M.; DIAS, G.L. Nucleação de Escolas no Campo: conflitos entre formação e desenraizamento. Educação e realidade, Porto Alegre, v.42, n.2, agosto. 2016.

ENDEREÇO DOS AUTORES

Hérica da Silva de Oliveira
E-mail: hericacardosovieira@gmail.com

Fabiano Rosa de Magalhães
E-mail: fabiano.magalhaes@ifnmg.edu.br